

A REVISTA



PRAIAS E LUITA DE CLASSES

Mediante umha reportagem realizamos un percurso pola história social da praia na Galiza, e umha das suas práticas associadas: o naturismo. Umha história social nom isenta de conflitos e luita de classes, como dam mostra os *apartheids* para labregas nas praias urbanas denunciados a começos de século polo nacionalismo galego.

CRIAÇOM

Manuel Rumbo Castinheiras nasceu em 1986 em Santa Maria de Rus, na terra de Bergantinhos. Aprendeu o ofício de carpinteiro no CIFP de Someso, na Corunha, e sobreviveu até hoje como pudo. A colaboraçom que nos chega está escrita, como ele próprio afirma, com a rudeza dumha talha em carvalho.

A MINHA AVÓ JAPONESA

Agora que chega agosto, época propícia para pensar nas cousas com mais vagar, Valentim Fagim propom, por exemplo, matricular-se numha escola de idiomas e, se possível, em Português. «Som variadas as motivações que empurram as pessoas a estudarem português na Galiza mas mesmo aquelas que acham estarem a estudar umha língua estrangeira, logo descobrem que acontece qualquer cousa de estranho», afirma Fagim, ao tempo que faz umha comparativa com, por exemplo, estudar japonês.

QUE FOI DE...?

Ronseltz

Alonso Vidal

“Uxío ímosche facer a parcelaria e vaste cagar en Dios.”

Este foi um dos poemas que por finais dos oitenta e princípios dos noventa surpreendia em recitais poéticos pola Galiza e que mais tarde seria recolhido no livro *Unicornio de cenurias que cabalgas os sábados* (1994). A referência a *Os eidos* de Novoneyra era mais do que umha brincadeira poética. Reflectia o que para muitos críticos literários era a característica mais destacada de um grupo de poetas muito novos, estudantes universitários da Corunha: A transgressom.

Aborrecidos polo panorama poético galego do momento, o coletivo Ronseltz, com a sua irreverência, abria novas fórmulas de entender o facto poético e, em pouco tempo, passárom de reunir-se numha cafetaria da Corunha, para criar umha revista em fotocópias, a fazer dúzias de recitais poéticos por todo o país. Hoje aparecem nos livros de texto do Ensino Secundário.

Muitos dos seus recitais, cheios de humor, bebida e improvisaçom, acostumavam terminar “quando

os assistentes marchavam para a sua casa”. A gente mais nova adorava a informalidade e conetava com a sua rebeldia.

Os seus integrantes fôrom: Xabier Cordal, Serxio Iglesias, Manuel Cortés, Xoán Carlos Rodríguez e Miguel Montes (Miki Nervio).

Numhas declaraçons ao Vieiros de X. Cordal em 2005 afirmava que Ronseltz “Nasceu como reaçom de escárnio à múmia cultural que propiciavam as instituiçons da Junta (aí

continuam, celebrando enterros, ruínas circulares de *vinito* espanhol e *pincho* de tortilha, elevando mediocridades submissas ao altar da conferência bem paga, impossibilitando o rock galego há umha década, o rap agora, vendendo cinema na língua da deserçom)”.

Jogavam com o dadaísmo e reconheciam-se herdeiros do coletivo Rompente. A sua qualidade poética era menor –pensavam– mas contentavam-se com acompanhar essas vias de esca-

pe, parodiar, pôr os clássicos à altura da rua e “jogar um pouco a rachar os mitos”.

O que foi dos seus integrantes?

Agora, quase vinte anos depois, todos continuam ligados à criação artística ou ao ensino. Xabier Cordal é professor de ensino secundário e escritor, para além de colaborador de meios jornalísticos e crítico literário. Forma parte das Redes Escarlata.

X. Carlos Rodríguez publicaria em 2004 o livro *Occidencia*, onde entre prosa e o verso, experimentaria sendeiros deconstrucionistas.

Serxio Iglesias também é professor de língua e literatura galega em Cee. Depois de Ronseltz distanciou-se durante um tempo da criação literária. Retomá-la-ia em parte, achegando-se ao Batalhom Literário da Costa da Morte. Destaca o seu *Os Métodos para afofar un cisne* (2002).

Miki Nervio seria a alma de um grupo de blues elétrico a partir de 1992. Som os conhecidos “Miki Nervio & The Bluesmakers”. As suas atuaçons em festivais do país som lendárias.

Manuel Cortés foi o mais mediático de todos. Autor e ator reconhecido do Grupo Chévere que tem participado em séries de TV e filmes. Vinculado à Sala Nasa enquanto existiu, é também guionista e tradutor.

Ronseltz durou apenas uns anos, mas nas aulas de Secundária da Galiza, os estudan-

tes conhecem hoje a vida efémera deste grupo de expresom poética que, quase sem pretender, lograram dessacralizar a visom da poesia galega do século XX. Pode-se discutir a sua qualidade, mas nom a originalidade e valentia. O humor foi o seu instrumento. A paródia achegava os clássicos aos mais novos através do sorriso.

Ondas do mar de Vigo se vistes meu amigo... que marchei

Aborrecidos polo panorama poético galego do momento, o coletivo Ronseltz, com a sua irreverência, abria novas fórmulas de entender o facto poético e, em pouco tempo, passaram de reunir-se numha cafetaria de Corunha, para criar uma revista em fotocópias, a fazer dúzias de recitais poéticos por todo o país



Integrantes do grupo Ronseltz (imagem tirada do blogue de Xabier Cordal, <http://montealto.blogaliza.org>)



Etnologia das praias galegas e luta de classes

C. C. V.

*"Vades boas de troular:
inda ben non era día,
quen vos despide xa vía
brañegas cabo do mar.
¡Que pulos! ¡que esbatusar
na iauga!; cousiñas tolas,
roxas com'as amapolas
dos vilariños da aldea,
brincábades pola area
¡entre as escumas das olas!"*

Antom Noriega Varela, "Prás canónigas", *Montanhesas*, 1910.

A imagem da praia é provavelmente a primeira que nos vem à cabeça ao falar do verao. Mas nem sempre foi assim. Nesta reportagem realizamos um percurso pela história social da praia na Galiza, e umha das suas práticas associadas: o naturismo. Umha história social nom isenta de conflituosidade e luta de classes, como dam mostra os apartheids para labregas nas praias urbanas denunciados a começos de século polo nacionalismo galego.

A construçom do espaço social

A cultura popular galega tem/tinha como base a oposiçom cristá do Bem e do Mal, matriz de muitas mais oposiçoms que configuram o espaço simbólico. Neste contexto, explica o antropólogo Xosé Ramón Mariño Ferro, a praia faz parte da "geografia do Mal", enquanto espaço estéril: "Os desertos representam extraordinariamente bem a falta de vida, a esterilidade do Diabo, mas em Europa resultam lugares demasiado longínquos. Por isso som substituídos por outros mais próximos e que podem simbolizar a mesma ideia. Refiro-me a esses desertos em pequeno que som os areais, praias e dunas. Eis a razom das famosas reunions de bruxaria no Areal de Sevilha⁽¹⁾. Daqui, também, a grande presença na Galiza de templos cristaos à beira do mar, edificados como jeito de bençom do lugar estéril. Neste sentido, a prática do banho foi na Galiza durante muito tempo um ritual religioso – como o banho das nove ondas da Lançada –, aparecendo também mais adiante como umha prática medicinal. A praia, enquanto espaço puramente de ócio, aparece com essa burguesia que descreve tam bem Outeiro Pedraio no *Arredor de si*, que vai de automóvel, pratica desporto e se banha nas praias.

Racismos de classe e anti-galego

O excelente trabalho de Emilio Xosé Ínsua⁽²⁾ sobre as banhistas labregas que se deslocavam das aldeias do interior para as praias galegas entre meados do s. XIX e a segunda metade do XX, retrata a chegada das camponesas à praia como espaço de lazer, embora entrelaçado com práticas balneárias. Num fenómeno semelhante ao do Merdeiro em Vigo, a luta identitária entre gente galega da costa e do campo dá lugar a vários nomes despectivos – dependendo da zona – para estas primeiras banhistas inexperatas: candelárias, canónigas, canouras, carolinas, carrachentas, catalinas, mantidas, montanhesas, palmatórias, poubanas...

Surgiam, também, autênticos casos de racismo espanhol. Assim, comenta-nos Júlio Teixeira como em 1917, o n.º 32 d' *A Nosa Terra* sai em "defesa das labregas, quase sempre mulheres em grupo ou com os seus filhos, que acudiam aos banhos às praias da Corunha ou da Marinha. Nesse artigo, o órgao nacionalista denuncia o que hoje considerariamos, como pouco, racismo de baixa intensidade. Nom devemos esquecer que, na altura, os banhistas labregos, na Crunha, paravam na praia do Orçám, enquanto os corunheses, e outros habitantes urbanos, iam banhar-se à de Riazor. Para um neno labrego das décadas de 30 ou 40 do passado século era impensável transgredir aquele apartheid balneário para se ir banhar a Riazor".

Naturismo libertário na Laracha dos anos 20

Tem-se falado já muito da luta polo nudismo culminada na praia de Baronha no verao de 1983. A distinçom de alguns dos protagonistas e umha campanha mediática perfeitamente orquestrada figêrom o resto. Como contraponto, mais umha vez, deu-se desde os ambientes contestatários umha imagem da Galiza como intrinsecamente reacionária.

O anarquismo já introduzira a prática naturista nos anos 20, como doutrina que advoga pola vida saudável e umha relaçom mais saudável com o meio natural e o próprio corpo, contra "as pautas de comportamento burguesas". Masus Lopes, grande conhecedor do movimento anarquista de pré-guerra na comarca de Bergantinhos, tem constância de famílias anarquistas que praticavam o naturismo em Cabo Vilanho: "que

tomavam o sol despidos na eira, diante do hórreo, como umha prática saudável para escândalo da vizinhança".

Mais umha vez, um passado do que nom temos memória polo trauma do franquismo. Em 1937 as autoridades fascistas da "provincia" da Corunha redigêrom um ridículo decreto regulamentando ao detalhe o traje de banho, que "deve ser de tecido de boa qualidade, nom transparente, que cubra o corpo sem cingi-lo", e no caso das mulheres "que cheguem até os joelhos, ou bem inteiros ou compostos de blusa e saia."

A gestom pública do corpo

O sociólogo francês Patrick Champagne⁽³⁾ tratou a incorporaçom do campesinado ao ócio de praia, a meados da década de 70. À estampa impressionista e até nostálgica dos campesinos chegando às praias francesas, é passada por umha radiografia brutal das relaçoms de poder que se estabelecem sobre a areia. Chegados tardios a um espaço social que também é simbólico, e acarreta um domínio dumhas práticas, os labregos ficam expostos sem proteçom coletiva à olhada burguesa, num lugar que convida às comparaçoms de classe: "Velhos pares de campesinos, vestidos com o seu traje e o vestidos cinzento escuro do domingo, os que ponhem para ir à missa ou à vila, passam o tempo em reconstruir sobre o lugar as suas ocupaçoms habituais: sentados sobre umha pedra à beira do mar ou sobre umha cadeia no meio do estacionamento, leem o jornal, calcetam ou remendam como fariam no vao da sua porta. Som numerosos os campesi-



Banhistas de classe alta junto a carom do 'vestiário' / Foto: José M^a. Massó

nos que ficam, sentados sobre a praia, sem fazer outra cousa que estar pendentes durante longas horas em olhar, espetadores involuntários das férias: eles parecem aguardar pacientemente o momento do regresso".

Mas nem todo é opressom ou resistência passiva. Nos banhos coletivos de começos do s. XX, as mulheres da classe labrega eram capazes de impor os seus jeitos: as poubanas – labregas que iam às praias das Rias Baixas –, escandalizavam os bem-pensantes andando colhidas da mao em grandes grupos, falando alto, e brincando sem pudor na água com ledice. Note-se, aliás, que baixavam à

costa após as grandes colheitas do verao, ficando os homens ao guardado do lar.

Notas

(1) Xosé Ramón Mariño Ferro, *Satán, sus siervas las brujas y la religión del mal*. Vigo, Xerais., p. 174, 1985.

(2) Emilio Xosé Ínsua, "Bañistas labregas no mar galego de onte", *Ardentia. Revista Galega de Cultura Marítima e Fluvial*, n.º 4, pp. 52-60, 2007.

(3) Champagne, Patrick, "Paysans à la plage", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 1(2): 21-24, 1975.



A praia do Orçám, na Crunha, em começos do século XX / Fotografia: revista *Ardentia*, número 4



A FOTO

Fotografia: Raquel Meigasblue
Texto: Ramón R. Nogueira

No remate da Guerra dos Tempos Escuros cairám os valados dos caciques e dos choros. É a Era da construçom dum novo valado maior e mais majestoso que nengum outro. Um valado já tombado. Onde caibam os gaiteiros e galegas e os seus colos carregados de nenos e paixom. Onde caiba até o último fillo da Velha Mai, juntos como verdadeiros irmaos nados do útero verde e salgado da nossa terra. Um último valado que deixe no recorde que a Velha Mai nom foi dos seus fillos. Um último valado que faga que os seus fillos voltem a respirar ao compasso da Velha Mai na eternidade das fragas e do mar.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construçoms faraónicas vazias de con-
tido e das homenagens florais descontextualizadas, está a
criaçom. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e
com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com
cada novo número oferecemos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projeto em que todos e
todas estades convidados a participar.
Escreve para literaria@novasgz.com.

Manuel Rumbo Castinheiras nasceu em 1986 em Santa Maria de Rus, no país -como gosta de dizer o seu avô- de Bergantinhos. Aprendeu o oficio de carpinteiro no CIFP de Someso, na Corunha, e sobreviveu até hoje como pudo. As letras que nos envia están escritas com a rudeza de umha talha em carvalho.

Reinteghracionismo

Mataremos, se é preciso, a Saudade; porque a Saudade cicais sexa unha esperanza entristecida, ladroeira de acciões, dixo um mestre. Nunca tivem saudades disso que chamam por aí triunfar, retrucou o raposo de Arteijo. Temos *ostalgie* do nacional-popular que pudo ser e nom foi, saudade nengumha. Os triunfos de Ferrín, Reixa e companhia dam-nos tanto nojo como os de Amancio Ortega, «campeom nacional». *Ostalgie* daquele Moncho Reboiras na clandestinidade que parecia estar oferecido na romaria do Santo da Pólvara, dos bigodes mestos dos manifestantes das *Comisiós Labregas*, das meias-luas afiadas que empunhavam as campesinhas de Encrovas.

E o tipinho aquele, todo cheio, citando a Wim Wenders: «temos o subconsciente colonizado polos americanos». Sim, polos americanos mas falando *ghalegho* palhaço, a ver quem colonizou a quem. Mui nacionalistas sodes, indo todos cheios com a progressia *made in Prisa* pregada debaixo do braço. Que algo bom tivo a TVG, que de Son Goku e Currás nutre-se o movimento. Escuitar Clint Eastwood *larghando* em *ghalhegho* aquilo de «nom estou feito para que o Estado me regule», lançado no carro por Sam Francisco abaixo como quem tira para Baldaio no *forito* da velha a ver as moças, mirar de deixar nadar a truita no poço branco do refaixo. Só lhe falta o GZ no Grand Torino.

Artificieiros de dez anos expertos em bilitroques e recicla-

gem de canaveiras dos foguetes. Aqueles corros de mocosos babejando para ensiladoras de quatro regos, que botam petardos baixo o palco da orquestra e se namoram da cantante a cada Santa Eufémia. Ponthem ganchos no rio e rengem como umha Harley quando vam de bicicleta -herdada, reparcheada. Improvisam estádios nos prados recém ensilados para Djalminhas e Mostovois que nom levantam duas quartas, mas que sacham como castrons. *Nom se valem cargas eh!* dizia-lhe no quadrinho de Castelao o neno senhorito aos labreguinhos descalços.

Os mesmos que suspendêrom galego na escola por mor de aquela incomunicação de classe com o professor de galego, votante do BNG e com chalet nos arredores de Compostela e figurinhas de Sargadelos na lareira de cartom-pedra. Filologia do caralho: eu falo na koiné da cona.

Pouco me importam as proeças literárias, imundas à par de Ubre Branca e a gadaria revolucionária -no exílio- de Lâncara.

Somos um país supersticioso, dizque, e ainda bom foi que a Rosalia nom lhe quitaram a sombra de pequena, que ainda ficávamos sem escritora nacional. Nom pola *neghra* sombra, que pouco nos importa, mas da justiça pola mao ainda era perda.



por Manuel Rumbo Castinheiras

Botamos mais de menos as competiçoms por levar o loureiro mais grande -até que nom entre pola porta da igrejal- no Dia de Ramos do que o perdido «espírito de Riazor» pescudado polos folcloristas. *Galiza -di o sábio das silveiras- é como o típico neno pequeno furado e castrom, mui espabilado e que nunca fai caso, nom para de dar desgostos, mas tem saídas de mijar-se.*



LÍNGUA NACIONAL

Como a minha avoa japonesa

Valentim Fagim

Omês de agosto, se der para acalmar a mente e que esta torne algo parecido com um lago especular, é um bom momento para tomar decisões estratégicas. Eis umha proposta simples: matricular-se em português numha Escola de Idiomas.

Som variadas as motivações que empurram as pessoas a estudarem português na Galiza mas mesmo

aquelas que acham estarem a estudar umha língua estrangeira, logo descobrem que acontece qualquer cousa de estranho.

Imaginemos umhas aulas de japonês no nível básico. A profesora pergunta umha dada palavra, por exemplo *gozaimasu*, e umha aluna de olhos em bico, neta de japoneses, responde acertadamente. Ninguém se admira mas se quem respondesse fosse

Imaginemos umhas aulas de japonês no nível básico. A profesora pergunta umha dada palavra e só umha pessoa responde acertadamente



umha preta de cabelo encaracolado, com certeza, logo surgiam interrogantes.

No nosso caso, *comichão, irmão mais novo, leilão, bochecha, joaninha, ervilha...* desfilam pola sala de aulas de português que parece repleta alunos de olhos em bico já que sempre há alguém que sabe e nem costuma ser o mesmo. Se surgirem interrogatórios, há dous tipos de respostas prototípicas.

Os alunos galego-falantes de longo curso e antiga estirpe respondem: é como dizia a minha avoa.

A outra resposta possível procede das pessoas que nom lembram como dizia a sua avoa japonesa ou simplesmente carecem da mesma.

É como em galego.

CINEMA

O fundo do ar é vermelho

Iván García Ambrunheiras

Umha boa parte dos filmes de Chris Marker som filmes de fantasmas. Como essa fantasia que se desenvolve no que dura um pestanejo que é *La Jetée* (1963), filme construído como o seu admirado *Vertigo* (1958) sobre o delírio da olhada. Mas também filmes nos quais de maneira literal se estabelece um diálogo com os mortos, bem seja o criador de um videojogo que nom é tal, já que nom fai mais do que repetir o que ocorreu na batalha de Okinawa em *Level Five* (1997), ou esse dinossauro soviético chamado Alexander Medvedkine, que personificava a trágica história do século XX em *Le tombeau d'Alexandre* (1992), e como a filmárom os seus protagonistas.

Umha vez que conhecemos a morte de Marker, um nom pode deixar de imaginar filmes em que se invoque o seu fantasma e, por umha vez, essa relação epistolar que caracteriza a forma da sua obra o tenha a ele como recetor. Nom em vao, as achegas ao cinema de Marker nom venhem só dos seus filmes, mas também de aqueles aos que serviu de companheiro de aventura,



Fotografia da oficina de Chris Marker, filmado por Agnès Varda no primeiro episódio do seu filme para televisão *Agnès de ci de là Varda* (2011)

de facilitador ou colaborador necessário, de Joris Ivens a Flora Gomes, passando polas usinas francesas na época de Maio do 68, no que é umha das experiências mais fascinantes do cinema. Desaprender para poder ensinar, escapando do profissionalismo e da "tradição da vítima" do documentário. Nos

últimos tempos, essa paixão polo diálogo levou-no a exercer como umha caste de Grito Falante disfarçado de gato laranja nalgum dos filmes de Agnès Varda. Umha autora que num pequeno fragmento do seu filme para televisão *Agnès de ci de là Varda* (2011) conseguiu o que parecia impossível trantando-se

umha personagem com umha tendência tam evidente face a desmaterialização, amosar-nos por vez primeira o seu lugar de trabalho.

Umha oficina em que a falta de imagens corporais, fai de retrato do autor. Um lugar sementado de objetos e cachifalhos de todo tipo, que convivem

com a onipresença das telas e da tecnologia, que nos bombardeiam com umhas imagens que Marker sempre se encarregou de volver mirar. Porque como di umha voz desse filme eminentemente coral que é *Le fond de l'air est rouge* (1977/1993), "nunca se sabe o que se filma". Um lugar que ademais exemplifica à perfeição a deriva do cinema markeriano nos últimos tempos. O interesse pola atualidade, que comenta nas mais diversas formas, do vídeo de YouTube à fotomontagem surrealista, confecionadas com umha vontade quase amadora, renegando dum acabado profissional. Os heterónimos, a disseminação de materiais e a proliferação de formatos, com o conseqüente desprezo pola ideia de autoria, numha ideia de cultura coletiva que o próprio Marker celebrava no seu último filme feito dentro dumha certa indústria, *Chats perchés* (2004), ligando gatos, graffiti e manifestações na rua.

Enquanto aguardamos que, como fabulavam Isaki Lacuesta e Sergi Dies n'*As variações Marker* (2007), o coletivo Chris Marker nos presenteie toda umha série de filmes apócrifos em torno às lutas que venhem, fica-nos voltar ver essa "carta dum observador distante" que escreveu em imagens em *Sans soleil* (1982), acaso o filme de maior beleza que se tem filmado.